



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Jaime de Magalhães Lima
Salmos do Prisioneiro



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Salmos do Prisioneiro

Jaime de Magalhães Lima



Adaptação ortográfica e projeto gráfico
Iba Mendes

Publicado originalmente em 1869.

Livro Digital nº 1050 - 1ª Edição - São Paulo, 2019.

Novela/Conto/Romance - Literatura Portuguesa.

Jaime de Magalhães Lima
(1859-1936)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

CASTRO ALVES

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de *retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*. Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual. O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo. Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem

os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, MOBI, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do Projeto Livro Livre sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o Projeto Livro Livre não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

IBA MENDES

A LÍNGUA PORTUGUESA E OS SEUS MISTÉRIOS

Poderia, sob o ponto de vista glotológico ou mais de acordo com o fenômeno linguagem propriamente dito, empilhar aqui uma série de argumentações fortemente apoiadas por uma lista de autores de todo o gênero e encarando o problema sob todas as suas variadas faces; porém desejo me limitar tão somente à explicação e a um ligeiro desenvolvimento da tese de um escritor português, note-se bem, português, Jaime de Magalhães Lima, em interessante livro que tem o sugestivo título *A língua Portuguesa e os seus mistérios*.

Façamos um ligeiro exórdio antes de entrar na matéria para melhor compreensão da tese e do seu valor.

Nós, quando lemos qualquer coisa (em uma língua que nos é familiar, bem entendido) pensamos que nos estamos detendo em palavra por palavra ou mesmo em sílaba por sílaba. É um grande engano. Se fizermos uma experiência, isto é, se, lendo, pousarmos o nosso olhar em cada palavra ou em cada sílaba, apuraremos que gastamos um tempo enorme para chegar ao fim da página. O que resulta da observação?

Resulta, que, lendo uma língua familiar, nós, por uma palavra como que sentimos ou adivinhamos as outras ou, por uma sílaba, sabemos qual a palavra que ela inicia. Deste modo chegamos mesmo a abranger frases inteiras num único golpe de vista ou num incompleto e rapidíssimo golpe de vista.

Este fenômeno da visão se repete, de modo perfeito, completo, com a audição. Quando nós ouvimos alguém que fala a nossa língua ou uma língua que nos é familiar, o nosso ouvido, — como se dá com

os olhos na leitura — não detém ou não acompanha cada som em separado. Basta-lhe um conjunto de sons, uma soma de sons para compreendermos tudo.

Se ouvimos uma língua que não conhecemos bem, temos sempre a impressão de que estão falando muito depressa e pedimos, então, para que falem mais devagar, para podermos entender. É que não podemos apreender pela soma, pelo conjunto de sons, precisando que seja separada, por assim dizer, parcela por parcela, som por som...

Conseqüentemente, desde que dois povos que falam a mesma língua não se compreendem rapidamente pelo conjunto de sons que cada um emite ou que cada indivíduo de cada nacionalidade emite — eles deixam de falar a mesma língua. Mudada, pois, a tonalidade de uma língua ela se torna outra.

Com uma série de doutos argumentos e uma grande erudição, Jaime de Magalhães Lima, o grande escritor português, desenvolve a sua tese de maneira a elucidar a questão de um modo decisivo.

Os povos, diz ele em uma das suas brilhantes páginas "não falam a mesma língua somente porque usam o mesmo vocabulário e por ele se compreendem; ainda que esse vocabulário possa reduzir-se ao rol de inconsciente *volapuque* (língua artificial criada em 1879 pelo padre alemão Martin Schleyer), tão usados pelas bastardias literárias modernas e tão querido do tráfico mercantil das alfândegas, nem assim falarão a mesma língua os que o aproveitam. Por baixo de um nivelamento e identificação meramente superficiais, os caracteres étnicos renovam-se com uma persistência invencível e guardarão no canto da fala a sua expressão mais profunda".

Jaime de Magalhães Lima entra diretamente na questão da língua do Brasil ou do fenômeno de diferenciação da linguagem entre o Brasil e Portugal.

O Brasil — diz ele — "o Brasil, por exemplo, que mais de perto nos toca, será, na realidade, um país cuja independência se avigora dia a dia, à medida que a acentuação da sua fala se define e se torna orgânica".

E precisa, de modo completo a questão: "Um português, conversando com um brasileiro, se possui sensibilidade e ouvido não muito obtuso, logo verificará que a compreensão da palavra exige certo esforço de atenção, *perfeitamente igual ao que qualquer outra língua estrangeira lhe demanda*, e apenas menos imediatamente perceptível para nós por um parentesco de linguagem que atenua o desacordo e o reduz ao mínimo".

Este período de Jaime de Magalhães Lima já é decisivo, mas, melhor ainda, ele põe o problema no seu justo termo no período seguinte: "A desafinação (entre a língua brasileira e a língua portuguesa) é, porém, manifesta e arrepiada e cansa os nervos; ninguém, a não ser aqueles que por inveterada incúria atropelam todas as línguas e se servem sem constrangimento de toda a gíria moderna, cosmopolita ou pouco menos, — ninguém que esteja habituado a pensar na sua língua e isento da vulgaríssima inanidade de dizer sem pensar, ninguém de maior idade em tal matéria dirá que os nossos sentidos e a nossa alma estão prontos a lidar indiferente com o *português* e o *brasileiro*".

Está aí de modo perfeito o fenômeno da diferenciação da língua brasileira da língua portuguesa no próprio fenômeno da linguagem.

Mas, Jaime de Magalhães Lima não se detém somente neste fenômeno da linguagem em si mesmo, porque se alça ao fenômeno político invencível para concluir: "Embora à estreiteza de patriotismos, tão acanhados quanto despóticos, — repugne reconhecer que os filhos, por serem diversos dos pais, não deixaram por isso de ser bons e amados, prolongando na independência, que a sua condição lhes outorga, a nobreza e as virtudes herdadas, e até pela própria independência e pela beleza e dignidade que ela

importa, honrando aqueles de quem descendem, e assim orgulham os ter por filhos, no fundo desse fenômeno multiplicação e diferenciação paralela de uma língua, não podemos deixar de pressentir e admirar a riqueza de possibilidades congênitas que lhe permitem sobreviver rejuvenescida, em vez de se afundar e perder no surdo labor de adaptação às exigências do novo ambiente".

Não pode haver nada mais terminante, mais claro, mais preciso, mais verdadeiro do que o contido nestes períodos de Jaime de Magalhães Lima.

OTO PRAZERES

Revista "Cultura Política", julho de 1941.

Pesquisa e adequação ortográfica: Iba Mendes (2019)

SALMOS DO PRISIONEIRO



Mentiu-me a liberdade, foi blasfêmia! Foi engano, foi ilusão, e traiçou-me, traiçando a fé que me dá a vida!

Vou levado de rastos neste mundo, guerreiro que nasci para ser vencido. Se movo o braço para combater por sonhos arrojados que o levantem, logo o sujeitam e mo fazem escravo as prisões de que em vão tento livrar-me — prisões de amor, abençoado cárcere, onde sofre e se alegra o coração, onde se humilha preso a toda a terra e onde se exalta erguido a céus eternos e ao Deus que rege a terra e rege os céus.

A piedade, a dor, remorso e fé, perdão, esperança, a esmola e a contrição, e a ilusão e a mágoa e o desengano, tremores da consciência que dúvida, as lágrimas de afeto e aquelas outras, candentes e de fogo, em que o erro chorou arrependido; e o silêncio, que eu temi, que eu amei e que busquei para todo me entregar ao seu poder; e a mudez que diz mais que a voz mais alta, e a sedução da morte, quanto anseio a minha alma pressentiu; — e quanta formosura nos afaga e quanta sombra nos aterra e prostra, a água clara do regato límpido, a luz do dia, a verdura do prado, e toda a austeridade da montanha, severa, grande e rude, imperturbável, e o inflamado terror da tempestade, e o mar e as suas ondas tormentosas, e os pomos rescendentes de perfume; a rosa, e a criança; e os olhos que fascina; e a graça que encarnou na juventude, e a nobreza que é a graça de velhice: — venceram-me, prenderam-me!...

E sempre que me ergui para libertar-me, sempre escravo caí do seu encanto; e no meu peito ouvi salmos de amor, louvando os ferros que o apertavam e louvando o Senhor

que lhos mandava; e o meu peito os cantou e repetiu, sorrindo à sorte que o rendeu cativo.

Da lívida tormenta, que em nuvens repassadas do seu luto turva o dia amoroso de setembro, cai sobre a terra a chuva maternal a dar seu leite às seivas minguadas e a dar aos pomos tímidos a unção de um derradeiro e salutar frescor.

Realça na levada alvas espumas; redobra no açude o seu cantar; banha em cristal a rama dos carvalhos; a veiga reverdece; e o pinheiral, que além sofria a sede entre os penhascos donde, heroico, brotou a desmentir-lhes sua infecunda aspereza abandonada, serenamente bebe o refrigerio, como sofreu sereno a crueldade da ardência do estio prolongado, seus ramos apontados às estrelas, quer padeça tormentos, que se exalte em bens das suas horas mais felizes, — por certo vendo amor que nós não vemos, mas que em suas esmolas nós sentimos, na sombra, na fogueira e na choupana, no teto dos casais e sobre as águas, salvando do naufrágio os desvairados filhos de cobiça.

Ao longe, o traço agudo das montanhas cortando a seu capricho os horizontes, seus píncaros audazes e a profundidade das suas largas sombras misteriosas; e as ermidas onde vivem, guardadas da corrupção do mundo e da mentira, a fé e a singeleza; e os castelos onde em ruínas penam as vaidades e as ilusões do orgulho e fortaleza — todos dos nossos olhos se perderam na confusão das nuvens insondáveis, todos por sorte igual já se ocultaram na plácida cinza umedecida que brandamente os cobre em seu repouso.

Depois, dissipada a tormenta, veloz em seus erros transpondo os montes, um silêncio velado lhe sucede; e no cair da tarde, magoada de sombra e de mudez, ressurgem as ermidas e castelos, as montanhas e os cerros mais

erguidos, casais, verduras, relvas e florestas, renascidos para a vida e formosura na bênção batismal de águas lustrais.

Mas agora, por toda a vastidão da serrania, docemente vagueiam sonhos de candidez. Beijando o chão, pousou ali a alvura de nuvens desprendidas da procela, como se os céus quisessem ser humildes, mandando à terra anjos de pureza e bondade e caridade, a cobrir-lhe a aspereza mísera e cruel, seus cardos e os espinhos mais agudos, e o nosso desamor, nossa traição aquele eterno Pai que nos criou, mais negra e mais cruel que a avareza da terra a mais ingrata.

E a minha alma prendeu-se nessas nuvens, com elas rastejou meu coração, esmolando dos céus que o redimissem naquela alvura em que remiram os montes e os cardos e os espinhos mais agudos!

Quando a saudade me repete as horas de infância e candidez, há longos anos já contadas e passadas, e sempre tão presentes, renovadas na obsessão de sonhos procurando um reino de pureza onde não chegue o desengano amargo deste mundo que nos perturba a fé e o pensamento, renascem aos meus olhos claramente quantas sombras então me protegiam, quantas árvores então foram afago do despertar das minhas ilusões e das alegrias em que me sorriam. Todas as vejo e todas me repetem a sua formosura e o seu encanto, tais quais nessa alvorada me encontraram, amando-as com um amor que só cresceu, intemerato, isento, incorruptível, sofrendo vária sorte sem mudança, a sorte mais contrária e a mais benigna. Em todos os meus passos me seguiu: foi amparo na dor e acompanhou-me no mais rude trabalho, e no repouso, e na alegria de descuidados dias de ventura.

Aquelas mesmas árvores que amei e o acaso funesto destruiu para consumarem um heroico holocausto de bondade, essas mesmas eu vejo na lembrança, serenas e viçosas como as vi quando o meu coração as descobriu.

Lá ao fundo da encosta, onde a floresta acaba e vem o prado, ainda vejo, do alto do casal que me agasalhava, toda a espessura do pinheiro manso, a marcar o extremo do valado, cerrada e firme, quase insensível ao vento tormentoso dos invernos, e tão estreitamente unida e igual que pareciam tomadas de amizade as hastes apertadas para viverem seu diferente viver em uma só vida, a cumprirem fielmente um juramento, para afrontarem juntas o rigor e para juntas se erguerem em exaltação — comunidade mística de afeto, religioso coro de louvor, a entoarem seus hinos recitados, em severa harmonia, por um só breviário.

E à tarde, quando o sol decaía e as formas se afundavam no crepúsculo, e de manhã, quando rompia a luz além dos montes e a custo ia acordando o salgueiral, a várzea e as amieiras, e ainda quando ela em nuvens se perdia e melancolicamente transformava em palidez e sombra o meio-dia, sempre dos ramos do pinheiro vinha uma emanção dourada resplendente, como se o sol ali pousasse sempre, jamais o abandonasse à escuridão, e o defendesse, para que por sua vez a árvore nos desse, perpetuamente, aquela mesma luz que o sol lhe dava e nunca se apagava nos seus ramos.

A pobreza dos homens há muito arrancou já daquela terra, que esplendidamente engrandecia, o pinheiro robusto a cuja sombra a minha mocidade, cativada de todo o seu poder e majestade, muitas vezes pediu que lhe dissesse o segredo da sua aspiração e o mistério da sua formosura. Há muito é cinza e pó e ao pó volveu, sacrificado a chamas piedosas. Mas a perene claridade dos seus ramos que, constante, o dourava em doce esmalte, ou o sol brilhasse

alto ou se ocultasse, esse sonhar do sol que ali pousava e nunca se extinguia, esse não se apagou nem dissipou e esse me prende ainda e me fascina. Vive nos céus onde as estrelas vivem; de lá nos ilumina e guia em nossa estrada; perpassa etéreo em toda a imensidade repetindo-me os salmos que eu ouvi aos ramos do pinheiro murmurando sua ardente oração à luz do sol.

Prendeu-me a rola sob a sua asa. Ao sentir-lhe a carícia desarmou-me de vontade e firmeza que, estando em mim, não mais me pertenceram. Cegou-me a cor morena do seu colo. Sua voz, seu olhar... foram algemas.

Prendeu-me aquela rola do pinhal que balouçada ao vento, lá no cimo dos ramos mais subidos da floresta, ali canta e se alegra e dali parte cortando o silêncio umbroso adormecido na sonolência ardente do estio, ora erguendo seu voo à luz do sol, ora airosa pousando tranquila, ora fugindo porque algures pressente um lugar mais propício ao seu desejo.

Prendeu-me essa outra rola que em meus laços por minha arte caiu no cativo, a desprendida monja resignada que reza o seu rosário à madrugada e o repete ao luar em seus gemidos, mensageira bendita do perdão que a mim, seu carcereiro! me saúda na brandura amorosa dos arrulhos, quando ao romper da aurora eu a visito e, confiada, me vem pousar nas mãos, aquecendo-me o sangue com o seu sangue.

Por que graça de Deus ou por que esmola, por que estranha indulgência consentiste, rola cativa, minha doce serva, que em minhas mãos eu prenda as tuas asas, te beije o peito e o toque a boca impura que murmurou erro, mentira, a maldade, a descrença e a impiedade?!... Por que quiseste que assim se amassem e vissem nossos olhos, os

teus que são a vida e a candidez, e a ternura sem mancha do teu ninho, e os meus que são a morte e a escuridão, e o desejo sinistro e o remorso que uma dorida consciência acusa?!...

Oh, mansidão, aparição angélica, mandada a este mundo de treva a alumiar-nos a estrada que a Deus conduz e Deus traçou!... Só de sonhar prender-te, já me prende a própria tentação de te prender.

Verteu outubro suas cores de outono, púrpura e ouro, nos céus do poente em que o sol se perde. Melancolicamente a luz abranda. Coroada de violetas, a saudade chora entre brumas sua infinda mágoa.

Cresce do mar a névoa cetinosa; o ardor adormece em suavidade. E tão carinhosa a névoa nos afaga na repousada sombra da sua paz que mais a sedução da morte nos anseia do que a tentação da vida nos exalta.

Ao rubor do poente, repetindo-o, responde o rubor da vinha debruçada da muralha a que confia o seu arrojo. Sentindo que o inverno já não tarda, portador de agonias e rigores, incerta de viver, corou juntando o sangue para gloriosamente o dar à morte.

Erradia, tenaz, afoitamente, no delírio da sua caridade, cobriu de pâmpanos as estéreis rochas, deu-lhes o manto da sua verdura. Beijou-lhes a dureza e aviventou-a. Umedeceu a árida secura, insinuou-lhe túbidas raízes onde vagueia a aspiração da seiva. E agora humildemente vai despir-se, vai dar à terra suas grinaldas em um derradeiro clamor ardente. A essa mãe de todo o amor as abandona para à luz da primavera renascer e em estos de verdura ressurgir da severa nudez a que a condena toda a rudeza agreste de dezembro.

Ao sopro turvo da primeira rajada de novembro, o pâmpano vermelho empalidece. Desprendendo-o da haste, o vento leva-o, rolando-o pelo chão e consumindo-o. Um murmúrio de dor lhe canta a morte e um murmúrio de esperança a abençoou. Está despojada da opulência a vinha. Acende-se em seu seio e vem surgindo o sonho desse viço que desponta quando a aurora de abril lhe solta a asa.

Folhas mortas, caídas, desmaiadas e dispersas pelas frígidas brisas de novembro! Em que laços de morte me envolveres, prendendo à vossa sorte o meu cismar!...

Também tu, serpão do monte, me prendeste, também tu me roubaste a liberdade! Singelamente, floriste em flores onde a cor da violeta empalidece e rediz seu poema de ternura. Assim me possuístes e à tua pequenez me acorrentaste, àquela pequenez que para mim foi grandeza e voz divina ao desprender da humildade e modéstia os mais perfeitos perfumes, os mais doces.

Urna de incenso para ungir o chão, vaso quebrado entornando a essência que o nardo e a mirra e o cinamomo e o galbano não negariam, se Deus lhe desse a escolha! Em teu poder sonhei reinos fulgentes e bíblicas visões me arrebataram.

Ao ver-te entregue à fria ingratidão e ao desamparo dos montes e dos cerros mais despídos, partilhando os rigores das urzes tímidas que em sua púrpura ocultam a gandara negra; escravo sem sustento abandonado em solidões avaras por quem te quis coroar no sofrimento; sem o abrigo de uma só árvore, sem o consolo do mais tênue fio de água que entre as pedras banhasse e convertesse a aspereza em limpidez; resignado filho trasmudando em doçura suprema a austeridade que o gerou e o castiga despiedosa

— na tua vida sonhei terras distantes onde se ergueu a cruz e Cristo orou na paz, entre oliveiras, pedindo àquele que o mandou e está nos céus que somente a sua vontade se cumprisse. Estranha evocação me segredou que era assim a terra santa do Calvário — no chão o mais severo, a doçura infinita; e no martírio, o amor.

Dos teus ramos tão débeis que rastejam e condição mais alta não procuram, porque só na humildade estão contentes, fiz o rasto do próprio coração onde o senti pulsar em ardor que o acordasse e erguesse para o sagrar. Por te amar, fiz de ti sinal de amor. Em meus tesouros, ricos de lembranças, marcas iluminadas folhas e benditas onde a minha alma recebeu a graça de peregrinas almas de pureza, onde sentiu a companheira e guia, enviada de Deus, para que no mundo lhe fosse amparo e a fortificasse, e a Deus a conduzisse, à eternidade do amor divino.

Deste modo me prendes, se te encontro. Deste modo sou teu, se te colhi.

Está adormecido o vento do outono. É cor de rosa a aurora preguiçosa em seu berço rendado de neblinas; e rutilante o manto com que cobre a campina onde a noite e a madrugada mansamente verteram a ternura de um luminoso pranto cristalino.

Entre os orvalhos vem a despontar, em hastes débeis, hirtas, ainda pálidas, sementes germinadas na frescura da terra já banhada pelas chuvas dos derradeiros dias de setembro. São legiões benditas que conquistam o chão e o seu poder e os seus tesouros para os sonhos floridos de verdura, que a primavera sonhará no encanto do colorido esplendor do seu triunfo, e para as messes douradas do estio, cálice de ouro que se faz em sangue, sustento e amor

que nos fortalece o peito e os nossos braços e nos aquece e alenta o coração.

E os orvalhos que a manhã fez diamantes, e as túrgidas sementes a crescerem, seu doce brilho e seu infindo anseio de eterna juventude, eternamente renascida e erguida do pó e da secura, a redenção das cinzas apagadas do estio na brandura outonal e sua esperança, enquanto me adormecem no seu canto, murmurando-me os salmos dos seus coros, louvando ao Deus que os engrandece e exalta, na própria obediência me têm preso, acorrentado à terra na qual bebem todo o vigor e força de crescer, e arrebatado aos céus que lhes ensinam, e por eles me dizem, o mistério da sua caridade, a glória da sua aspiração e o enlevo da sua formosura.

Vive oculto um mistério em cada peito. Se o sangue o anima e move, insinuou-lhe um ser de luz ou treva, a força etérea, a do bem e a do mal, o fogo que consome e o que alumia, a cegueira mortal que precipita em profundas geenas insondáveis, onde só a piedade vai salvar-nos, e o sonho que alevanta a espaços límpidos, onde os olhos não chegam nem alcançam e só o nosso coração pode subir. E esse deus íntimo, ou seja luz ou treva, ou dor ou bênção, todo respira e vive em um alento, todo nele se evola e nele existe.

O rouco arfar de um peito moribundo, no combate da morte inexorável; o latejar irado da paixão, brasas ardentes da cobiça e inveja; a tremura da ave no seu ninho, sopro ofegante de animal bravio, na incerteza da sorte e seu terror; a timidez da corça perseguida, a criança dormindo no seu berço e os anjos que a visitam e em torno adejam; o cavador prostrado de fadiga, o velho repousando docemente, no repouso de quem já avista próximo o termo dos enganos deste mundo; a mansa vibração das orações, o

brando devaneio enamorado, e a tortura do mal que é irreparável, e o anseio oprimido da saudade... Que vidas se contêm em um só alento e no breve erguer do peito que o desprende! Que infinitos mistérios nos confessa, em que mudez divina nos descobre o que a voz mais clara não traduz, quantas lágrimas chora e em que alegrias de uma celeste luz banha a nossa alma!

Quanto se encerra e vive em um só alento!... Respirar é amor ou aversão, esperança ou danação, suplício ou bênção.

Nunca houve alento que me não prendesse. Dos ruins me fez escravo a compaixão, e aos bons foi por amor que me prendi.

A viúva contou-me o seu romance, onde nascera e amara e onde chorara, seus folguedos, esperanças e infortúnios, em que Deus lhe ensinara a obediência à sua lei divina.

A casa de seus pais era pequena, nas terras do morgado, ao qual levavam, em cada ano, pelo S. Miguel, o pão, o vinho e aves, copioso quinhão, e o melhor, dos bens que o seu amor pedia à terra e a misericórdia do Senhor criara.

Entre a pobreza o mundo lhe sorriu. Na pobreza cresceu e, descuidada, na pobreza cantou, teve alegrias, conduzindo as ovelhas no pascigo pela charneca agreste e pela encosta, segando o prado quando abril floria, debruçada na ceifa ao sol de julho, tingindo os braços no rubor do mosto e erguendo-os ao luar calmo de agosto a tanger a harmonia dos eirados.

Depois, no dia memorável do arraial, ao pé da capelinha da montanha, quando lá foi a vê-la em sua glória, tão linda e tão garrida de grinaldas por tributo piedoso da candura que lhe guardou e deu quanto a terra sonhou de mais

formoso, turvou-se de tristeza a singeleza, e estranhas mágoas, venturosas mágoas, anseios de paixão ergueram o peito daquela mesma alegre rapariga, criada na pobreza e no trabalho, enamorada agora do moço que a segue e a acompanha, sombra apolínea que a graça e a gentileza fascinaram.

E, então, vieram o quebranto que esquece a obrigação, as tardes prolongadas junto à fonte, segredos murmurados no silêncio da aldeia adormecida, e as tímidas palavras de carinho que os lábios dizem mal e incertamente, e a mudez de melancólico cismar, e a confissão do olhar, ardor sem mancha, onde a nossa alma é luz e o coração vencido vem entregar-se. Até que um dia as rosas desfolhadas no limiar da porta anunciaram a quem na estrada fosse na jornada que o céu abençoara mais um ninho. E ao pôr do sol, quando o fumo dos casais se ergue e protege o tépido repouso do trabalho, mais um lar se acendeu e palpitou à beira da azinhaga, entre os ulmeiros.

Depois ainda, volvidos breves meses de afeição, os devaneios daquela enamorada de algum dia todos se trocaram por desvelos do berço e por cantares de mansidão dolente enternecida em que a mãe aquecia o filho ao seio.

Criou seis filhos. Uns andam dispersos, além-mar, na aventura de cobiças; outros ali habitam ao redor, nas aldeias vizinhas donde avistam esse mesmo casal em que nasceram; e todos, em chão estranho ou terra Pátria, redizem fielmente as orações do trabalho e amor e crença e fé que no regaço materno repetiam.

Por fim, a asa negra, a viuvez!... As agonias de um alento que se esvai, esperanças que se apagam dia a dia; e a morte e o seu silêncio desolado que levaram do lar o companheiro; e a escuridão da frígida vigília escutando debalde aquela voz que não mais voltará contar-lhe as horas; e o cansaço do mundo, inerte e pálido, porque já não

o aquece nem ilumina a chama do coração que o iluminava.

A terra, para a viúva, era um crepúsculo, tal qual esse suave entardecer em que serena me contou o romance da sua vida austera e prolongada, vivida só para amar e para servir, e ainda agora servida com afeto ao renovar-se na lembrança amorosa que a evocava e parecia beijar-lhe o rosto e os passos pelos quais seguira a receber de Deus, como esmola bendita da sua graça, a amargura, a alegria, o riso e o pranto, quanto em sua vontade ele mandasse.

Ao ouvir as palavras da viúva, no meu peito sentindo transfundir-se toda a ventura e dor que ela sentiu, bebi o cálice que me descerrava, aquele cálice que o Senhor lhe dera, e fui cativo em minha alma e prisioneiro até do próprio amor que outros amaram.

Companheira fiel da minha estrada, sempre a meu lado a mágoa me seguiu.

Comigo ela subiu àquela altura onde feliz me viu e amorteceu venturas passageiras de um momento. Entre alegrias a senti guardar-me. Calcou passo a passo o meu calvário, entoando-me os salmos da sua crença, sua fé compassiva e resignada em que a esperança, desfeita e convertida no suplício da desilusão, nem assim foi maldita ou desamada. Em todo o seu poder me iluminou; na sua mansidão curou as feridas do rigor de infortúnios e tormentos, e na sua amargura saciou-me toda a sede de amor do coração que por amar bendiz o seu martírio.

Já no berço a encontrei a bafejar-me com o seu tépido alento aquelas lágrimas, claras, abundantes e divinas com que Deus me banhou a meninice. Ouvi o seu lamento dominando o rouco clamor das multidões que entre o terror nos fere a consciência. Entorpeceu-me os braços na

batalha a que fui disputar os bens da terra. Quebrou-me a crueldade em seu desvairo. Carinhosa, protege-me a velhice. Ou abril desfolhasse as suas rosas, ou novembro arrastasse os seus despojos, ou as águas dissessem seus encantos, ou no monte adorasse a majestade, em toda a natureza, na mais feliz e doce e sorridente como entre a inclemência a mais severa, ouvi a voz de mágoa redizendo-me desenganos do mundo e consolando-me, na consolação bendita de a sentir.

E quanto mais deserta foi a estrada e mais cerrado e fundo o seu silêncio, mais quis à mágoa que me acompanhou; aí me possuiu inteiramente, e aí se me entregou, candidamente, isenta de temor e de segredo. Essa foi a que mais amei na terra; foi essa que eu beijei na solidão, nascida do meu peito e nele oculta de corrompidos olhos que a profanem, no meu peito habitando e respirando sua dor e mudez, seu alimento, no meu peito guardada e aquecida, para só viver com ele e aí morrer, ao abrigo do mundo e da traição, para só viver enquanto ele viver, revestida dos véus do seu pudor, reclusa que nutro do meu sangue e jamais beberá outro sustento.

Essa foi minha luz e companheira. Essa teve a pureza dos sacrários. Essa me exaure a vida, e por sofrê-la eu quereria para sempre a vida, aquela vida a que a mágoa me prendeu.

Rompeu clara a aurora de dezembro. O vento da manhã desce dos montes difundindo a secura sobre a terra. As neblinas alvas carinhosas, asperamente proscritas pela brisa que do oriente corre a persegui-las, mal se suspeitam longe sobre o mar, exiladas do rio em que vogavam, brandamente cobrindo as suas águas, e banidas do vale onde habitavam, tranquilas, seguras, resguardadas no repouso do prado entre os salgueiros.

Um translúcido céu vem acordar a mais pequenina forma ignorada. É clara a montanha e o pinheiral, e a inquietação da água da levada e o ribeiro profundo em que ela amaina as serenadas ondas passageiras. É clara a encosta pedregosa, inculta, e a aldeia e o sobreiral em que se abriga. E os carvalhos da estrada e os pomares e a lhama prateada da oliveira, e o cômodo espesso e a madressilva que nele tece a rede dos seus ramos, e o medronheiro verde reluzente, e o musgo do valado e os seixos brancos, esmaltando a charneca escurecida pelas hastes das urzes ltuosas, todos têm seu quinhão na luz dos céus, de todos ele disse a formosura através do cristal dessa manhã, dessa aurora sem nuvem de dezembro. Aos olhos deslumbrados desvendou quanto a terra criou de mais altivo, quanto é soberbo, grande e majestoso, e quanto de mais humilde ela gerou, quanto timidamente se escondeu nas pregas mais sombrias do seu manto. Em seu triunfo a luz os tem igualados; um só esplendor os enaltece.

E entre tanta riqueza que ela ostenta, em tão pura glória fascinando, quis estranho mistério que a esquecesse e, rebelde ao encanto, apenas visse e sentisse e amasse, subjugado, a rosa solitária mal aberta, derradeiro murmúrio do rosal que penitentemente vai sofrer sua nudez severa do inverno. Só ela me prendeu e cativou, só por vê-la adorei a claridade e tudo o mais senti como dormindo, distante, inerte e frio, silencioso.

É que, talvez, meu pobre coração e o ardor que o consome e ele alimenta, sejam pouco e não bastem para adorar a doce palidez de uma só rosa!... É que, talvez, prendido só à rosa e transportado todo em seu perfume, nem assim lhe pagou, mesquinho e mísero, o tributo do amor que ele lhe deve!...

"Sempre só" ali estava recolhida em sua estreita cela que habitava, na muda clausura de um retiro, severamente nu, desadornado de quanto o luxo ordena, inventa e quer para saciar suas mortais doçuras e enganos.

Respira austeridade aquela estância, a cuja porta cessa, proibido, o rumor apressado dos escravos, comprados, seduzidos pelo ouro, para servirem a gula, o capricho e a indolência dos fracos e orgulhosos, abundando no fausto, e ocultando nos fumos e vaidades da grandeza a miséria dos bens da alma e do corpo, um ser enfermo que a força deserdou e o ânimo robusto desconhece; e é tão pobre de alfaias a morada onde a vi "sempre só", serenamente entregue ao seu cismar, que essas poucas, singelas, que lá tem e são quanto lhe basta para amparo das rudes provações do seu viver, essas poucas alfaias da indigência mais alargam em torno a solidão do que quebram, em um ténue clamor, o ermo rigoroso da pousada.

Esplendor que a engrandeça, outro não tem, nem quer, nem recebeu, senão a luz do sol e a do crepúsculo, e a da aurora, e o luar, e a estrela, e a palidez da nuvem errante, quanto dos céus lhe vem, a visitá-la, infinitos e pródigos tesouros dos que a presença do Senhor protege. Pela fresta rasgada na parede, amplamente aberta à sua bênção, vem os astros unguir a solidão e a obscura pobreza que a agasalha.

Mas, iluminada dessa luz bendita, da luz vinda dos céus, eis que a velhinha que na cela habita, e ali vi "sempre só" no seu silêncio, a amá-lo e a aquecê-lo repassando-o dos alentos gerados do seu peito, eis que vai ler a folha desbotada e a desdobrou diante dos seus olhos, amortecidos para a luz do mundo. Uma estranha beleza a reanima; uma estranha doçura lhe sorri e em seu rosto sorrindo acende a vida. Não sei se é de carícia, se de dor, se de saudade, esperança ou desengano; se entreviu, já distante, a juventude na branca túnica que lhe foi seu

manto, se é a velhice que desce a arrebatá-la envolvida na sombra da sua mágoa. Por certo, são visões que ali adejam e o coração lhe nutre no seu sangue, aureolando-as da chama e do fulgor que do coração se ergue e o purifica, ora sinistramente, ora em glória, e sempre consumindo-o na eternidade de um divino amor.

E entre visões que então a rodeavam, recitando-lhe os salmos, todos lidos no seio que sofrera e confiara a afetos e ternuras e carinhos a ventura e a sorte de um palpitar ardente, apaixonado de alegrias e penas e anseios, renasceu transmutada e foi feliz aquela que "sempre só" eu encontrara. Vi-a cercada de anjos em sua corte, que na pobreza tinham os seus paços e na lembrança as únicas riquezas, e no silêncio sentem companheiros, no silêncio dizendo os seus mistérios de doçura e de paz e amor perene.

Nessa imagem em que a terra me mostrou na solidão a bem-aventurança, nessa imagem me tem prendido a terra, a rogar-lhe que acorde na minha alma os sonhos redentores, que ali sonhou aquela que eu segui na solidão, e ali, na solidão, edificara, de cristal e sem mancha, resplendente, o seu claustro e templo onde guardava, sagrada e isenta, toda a sua fé.

Se Deus me concedesse o seu poder e o Senhor permitisse que um momento eu vivesse em puro espírito, convertendo a miséria em candidez, eu quereria erguer-me ao cimo casto e austero da montanha, da mais alta montanha que avistasse, e aí, tocando a terra tão somente no píncaro agudo revestido dessa sagrada alvura imaculada que é a neve branca, eterna, incorruptível, aí me despiria totalmente da mentira implacável que nos prende, aí libertaria o coração em seus laços mortais tão oprimido, aí os soltaria para seguir humilde e fielmente o seu anseio.

Quanto penso e a razão me contradiz, a oculta rebeldia desleal que jura por certeza a própria dúvida, quantas palavras digo que eu não sinto, quantos passos eu dou atraindo meu querer e vontade e aspiração, onde obedeço às convenções do mundo e onde à impostura cedo por fraqueza, o falso pranto que cobre a indiferença e o riso em que o enfado anda escondido, e o louvor sobrepondo-se ao desprezo, e o desprezo negando as afeições, e o silêncio em que a voz estrangulei só porque estranhos podem desamá-la — de todo o pervertido engano em que, inerte e prostrado, sou levado, enganado e enganando, mentindo à consciência, aos céus e aos homens, de toda a confusão desse tumulto em que o ímpio sacia o seu escárnio, eu iria isentar-me, dissipando-o no cimo glorioso da montanha, revestida da neve imaculada. E para que fosse tal qual um cristal feito só de luz, assim eu lavaria o coração de quanto na mentira o enegrece. E então me sentiria redimido porque só a Verdade me prendia!

Segui de olhos vendados a ilusão. Para que não visse a aspereza do meu trilho, para me guardar de espectros que o assaltam, para me ocultar torpezas deste mundo, cegou-me e desviou-se do caminho, juncado só de cardos, em que um ríspido destino me trazia. Ergueu-me em suas asas e levou-me àquela altura onde não há treva e a luz não tem fraqueza nem crepúsculo, onde os espinhos se convertem em rosas, onde o veneno se transforma em filtros salutares vivificantes, e a amargura e a dor e toda a pena se dissipam em auras incensadas.

Se, porém, a ilusão me abandonou e o desengano apunhalou o meu peito e o fez chorar, não descri da ilusão nem a neguei. Sentindo-me infeliz, pedi aos céus que aos anjos de ilusão me confiassem, que de novo os mandassem libertar-me da vileza da terra e seu tormento, da malquerença, do ódio e da avareza, de quanto mal nos

prostitui a alma e atraioa o Senhor. Pedi-lhes a cegueira da ilusão, pois quanto mais me cega mais a amo, mais distante me leva da ruindade, mais no seio de Deus me faz sonhar.

Tanto a amei e lhe dei meu coração, tanto lhe quis meu peito e a adorou, que jamais me rendi ao inimigo. Se o desengano me assalta e fere e prostra atormentado, não lhe imploro graças ou consolo, só da ilusão espero a fortaleza.

Prendeu-me nesta vida! Fui seu servo. Assim na morte a encontra benfazeja!... De contínuo lhe rogo, humildemente, que na morte me guie e arrebate das certezas mesquinhas deste mundo à incerteza feliz em que ela reina e em sua bênção nos redime e exalta.

Passa ligeira a nuvem no luar. E, por momentos, foi obscura palidez incerta aquele espaço há pouco resplendente, adormecido na mais doce luz.

Que é dessa alvura que vestia a terra? Que é da brancura que a purificava?!...

Uma sombra turvou a imensidade. Como se os astros desmaiassem tímidos e um estranho terror os apagasse, afrouxa e hesita a sua claridade e quanta brandura e calma ela derrama. É que uma nuvem perpassou errante e etereamente se esvaiu e perde.

Filha das águas, leve, inconsistente, só para mudar nascida, estranho ser que não vive um instante a mesma vida e a todas experimenta e a todas deixa com igual desamor e igual capricho, imagem fugidia de um efêmero delírio descontente, tão pequenina e fraca, a nuvem foi mais forte que o poder mais ardente das estrelas e pode tê-lo turvado, escurecido e humilhado.

Ai de mim, ai de mim!... Sei seu mistério! Porque assim é também a minha sorte. Uma nuvem venceu a luz dos céus; e a mim vencem-me os sonhos toda a luz que do meu coração se ergue e desprende, carcereiros da dor e da ventura, despóticos senhores e poderosos de toda a glória e mágoa do meu peito.

Ouvi chorar a noite porque a orgia lhe roubara o silêncio, o companheiro. Quando o céu lhe acendeu suas estrelas e no seu negro manto esmoreceu todo o brilho que o sol cria na terra e toda a formosura que ele afaga, na benigna hora recolhida em que a noite murmura a sua paz e acorda em seu mistério as orações que nos prendem a Deus e aos seus mandados e nos revelam aquilo que sustenta o coração, quanto o eleva e quanto o entenece, quanto lhe abranda a mágoa e o incendeia, e quanto o arrasta exangue em seus lamentos — nessa hora bendita, à paz da noite e à sua redenção respondeu o alvoroço e o sacrilégio de multidões perdidas no torpe ardor de indignas cobiças. Abandonadas à sórdida torrente da impiedade, onde se afoga a candura e a fé e toda a essência que em nossos corações renova e alenta a imagem e a vontade do Senhor, e do mundo nos ergue a esse seu reino de amor e de perdão e de pureza, ignoram a noite e o seu consolo. Impenitentes réprobos, profanam o divino silêncio enquanto escutam o rouco clamor da perdição.

E a noite, que orvalhou a bonina e acalmou os ramos agitados da floresta e adormeceu o rebanho e o seu pastor, que soltou mais clara a voz das águas e fez crescer a sombra da montanha, cingindo-a de grandeza e fortaleza, e compassiva veio mansamente a resgatar de penas e trabalhos os vilares e casais afadigados, prostrados da canseira que dá o pão — a noite, o arauto sagrado do silêncio, sua mística serva e confiada, sentindo que uma chama infernal a prostitui e no seu crepitar a martiriza,

chorou amargamente o desvairo infiel que, ultrajando o silêncio, o aborreceu na injúria que o trocou pelo rumor da cidade enlouquecida.

Ouvi chorar a noite atraçoada porque uma orgia atroz afugentou o seu supremo bem e companheiro que a inspira e lhe diz salmos divinos, o silêncio que ela ama e é o seu esposo. E então, ferida e dorida, me prendeu em compungidos laços da sua mágoa, apertados e estreitos, como aqueles, bem-vindos e queridos, que eu senti quando a vi, docemente, a proteger a bem-aventurada terra a que trazia seus carinhos de sombra e de mudez.

Mal me aparta da esperança o desengano, logo vem a prender-me nova esperança de trazer a esta terra e ver perfeitos os infinitos sonhos da minha alma, esses que por Deus sonho e Deus me dá.

De cada mágoa me levanta e ergue, suave e doce e caridosamente, o despontar da estrela da alegria, visões que vem dos céus a iluminá-los. Em toda a queda me protege e ampara um eterno poder de fortaleza que me afoita e me manda caminhar. Onde vem desenganos desfazer desditosas venturas que findaram, o seu cutelo é aquela dor sagrada que em um só golpe dá a morte e nos reanima, que ao mesmo tempo é pena e é a indulgência, que da própria amargura tira alentos para impor a servidão de nova esperança. Onde, inclemente, o desengano ferindo-me me terminou enlevos e encantos que uma súbita treva escureceu, aí mesmo me mandou o seu socorro, seus anjos bons que acendem nova luz para me guiar na estrada e transportar-me aos reinos em que a esperança é a salvação.

Sem condições, rendi-me ao desengano. Divino portador de muitos bens, já não o temo se vem ao meu encontro,

pois nunca me mentiu e, se me punge, é para dar o meu sangue a nova esperança, e nessa esperança me alongar a vida, e alongando-me a vida me ensinar o amor do Senhor de que ele é escravo.

Adormeci na escuridão da noite — cobria-me o luar quando acordei. Na treva se esvaiu a consciência — restituiu-me a luz vinda dos céus!

A fadiga do dia, as canseiras e penas que atormentam a vida descontente porque o mundo lhe combate e lhe oprime a aspiração; os sonhos de bondade malfadados, ruindade que escarnece da doçura, astúcia que injúria a candidez, desamor que responde ao benquerer, ostentação preterindo a singeleza, a jactância suprimindo a descrição, a pureza entre lágrimas traída, a pobreza arrastada em seus andrajos e a mentira orgulhosa em seus fulgores; perversão, crueldade, a fome e o ódio disputando os retalhos miserandos da riqueza mortal que a terra dá e à qual chamam os seus bens esses escravos que outros bens da alma nem sequer suspeitam, no mesmo trilho em que a cobiça os leva — todo este amargor que o passar de cada hora nos distila, o dorido bater do coração que em calvário de amor verte o seu sangue, esse era meu algoz e companheiro quando a noite desceu e se cerrou. Assim me adormeceu imerso em mágoa, e assim eu confiei meu desalento à treva e à inconsciência, sem outra esperança que não fosse aquela de mais sofrer ainda e despertar mais forte para o sentir e para o servir, para mais longe arrastar a minha cruz.

Quando acordei, porém, sorria a terra no vestalino alvor que era o seu véu.

E disse-me a brancura do luar:

— Enquanto, exausto, tu adormeceste e abrandaste na treva o padecer, Alguém, Consolador, velou por ti, convertendo na luz a escuridão. Alguém te transformou em claridade a negrura do mundo e a do teu peito. Se a treva te prendeu e por fraqueza te rendeste ao martírio da tristeza, que só te mortifica porque foste infiel, feriste o Senhor, renasce para a humildade e para a bondade, acorda e vê que a luz jamais fenece e sempre vem remir-te, para que a louves, em teu ser e nos céus, onde a encontrares purificando a terra e o coração.

Pelos degraus de mármore subi à morada dos grandes que se abrigam sob tetos dourados, arrastando os enfadados ócios da riqueza. Benignamente me acolheu o seu fausto; e generosos, senão indiferentes, repartiram comigo os seus banquetes onde o destino os apartou do vulgo, para afagar-lhes volúpias caprichosas que o tédio implacável lhes segreda. Do seu esplendor também fui escravo; também me deslumbrou, também o quis e entre surpresa e espanto o experimentei, na embriaguez daquela estranha e pérfida beleza que no luxo se acoita e nele oculta, sob um manto divino e formosura, em púrpura e no jaspe e na ametista, uma traição cruel de outra beleza — da infinita beleza que é singela e humilde e é castidade, que é a isenção sem temor e é a caridade, que é a alegria em Deus e na pobreza, que confiou à terra o seu sustento, que é eterna, que não mente e não desmaia, e nos dá a vida e para sempre afasta a morte, porque o Senhor a mandou e a abençoou.

Ou fosse desengano ou fosse esperança de ventura maior que essa, mesquinha, que sendo ouro é pó e em pó se volve, sentindo-me indigente me apartei da rígida frieza dos palácios, peregrino votado a incerta estrada. E vim aos casais pobres, a pedir-lhes esmola de consolo e fortaleza, toda a luz da alma e o calor de afetos e o louvor de Deus que a soberba banuiu, na ignorância do seu alto poder; vim

pedir-lhes a firmeza e coragem, que no orgulho andam pervertidas, e o trabalho e a fé que são brasão, altar e epopeia desses tugúrios rasos como o zimbro em que o teto mal cobre, a custo abrange, uma enxada e o berço e o coração, dourando só de amor e de fadiga um lar estreito, a rudeza das pedras mal unidas e os colmos negros que as revestiram.

É grande e altivo o cedro e é majestoso na opulência profunda das suas frondes; e é pequenino o musgo que se arrasta no recato obscuro da sua sombra. Mas vestiu luto e tristeza o cedro alto e um severo desdém da sorte alheia; e só sonhou doçura o musgo humilde, não houve mansidão que o não beijasse, não houve esplendor que o não cobrisse. E o vendaval partiu o cedro robusto e sem vida o prostrou para desfazer-se; e o musgo não sentiu a tempestade, sorriu à violência quando o açoita como sorriu ao sol quando o alentava.

Seja o palácio como o cedro alto! Seja a cabana como o musgo humilde!...

Ah! Fosse eu o senhor do meu destino e da minha fraqueza me remisse, soubesse eu servir meu coração para que o seu anseio consumasse, e eu iria prendê-lo na choupana, onde a suma beleza e o sumo bem, seus tesouros e luz e os seus coros, são os seios que dão vida amamentando e os braços que dão o pão cavando a terra!

A ave chora e geme enlouquecida derramando a tristeza na floresta. Desnaturada mão lhe roubou os filhos para os votar à morte na tortura.

Em vão soltou a ave o seu clamor da materna agonia enternecida. Em vão chamou, dorida, ansiosamente, por quem responda e queira ao seu amor, sedento, insaciável de outro amor que agora não encontra e experimentou em

freimas e fadigas e carinhos de afortunados dias prolongados!...

Já desmaia o poente e, descorado, deixa crescer a noite e se abandona a todo o seu império. Sentiu-a aproximar-se a ave infeliz. Redobra e é mais aguda e mais a oprime a lacrimosa mágoa em que se perde.

É noite; é noite!... É a escuridão e o frio e o desamparo. Que peito o seu amor vai proteger?... Por quem há de correr todo o seu sangue?... Quem virá receber-lhe o seu alento?... Que boca o seu calor há de aquecer?... Para que a vida senão para dar a vida?... Para que, senão para a dar só por amor?!...

Ao fim, na solidão como contrita de tamanho sofrer em que comunga, ao gemido da ave respondeu a dor, a companheira que encontrou em seu tépido ninho onde afagara os sonhos de ventura malfadados.

E ao lamento da ave me prendi, como se prendem corações irmãos. Porque, escutando-o, repetiu e disse a fortuna e desgraça do meu peito — quanta ilusão e sonho arrebatado só por amor criou e acalentou, e quanto padecer é o seu martírio quando a sorte sinistra lhe converte seus enlevos mais belos na amargura.

Desde o romper da aurora, quando o sol iluminando a terra me acordou os braços e o afeto para a servir, andara a revolvê-la, respirando-lhe alentos da negrura abençoada, e generosa e doce, que me paga com todo o amor dos pomos e das rosas meu trabalho mesquinho e o meu amor, meu pobre amor fiel de obreiro débil.

Esse humilde labor adormeceu-me o coração cansado e dolorido das lutas e paixões que o mortificam nesta jornada ingrata, onde se arrasta sofrendo a sua cruz, penas

do mundo. Esqueceu seus anseios infecundos, seu malogrado arrojo para se erguer à altura das visões que o seduziam. Esqueceu suas ruins turbações e o seu error entre ambições, escuros cativeiros, que em meandros sem fim, de treva e dor, inclementes mudaram a doçura feliz da candidez na cerração de lívidos tormentos. Aí desconheceu, como se nunca as houvesse sentido em seus infernos, a impiedade, e a inveja, e a soberba, e a impostura, e a traição da hipocrisia, espectros negros que entre os homens o cercam e em vão tentaram desprendê-lo de Deus, precipitando-o na mentirosa fé e nos enganos de suas recompensas e prazeres. Esse mundo que o ferira e ensanguentara, ali se dissipara e se perdera sob os afagos brandos, caridosos, que a terra lhe mandava a ensinar-lhe a paz e a alegria na vontade e misericórdia do Eterno, tais quais as encontrava nos rosais, na espessura e nos silvados.

Resgatado, enquanto por amor servia a terra, abandonou-se à ingênua lei da terra, na terra confundido e renascido, o coração doente, semimorto, que regando com o seu calor e sangue as açucenas e a seara e o cedro e o jasmim, o pão e a formosura, assim banuiu, em venturoso instante, suas dores mais pungentes. Nesse enlevo lhe foi bem curto o dia: foram momentos rápidos, fugazes, quantas horas podia ter contado, e muitas decorreram, muitas o sol marcou desde a fria palidez da madrugada, que foi seu berço e canto de glória, até que ao fim morreu para curta morte na mortalha vermelha do crepúsculo.

Então, quando cresciam as sombras percussoras do repouso da noite e seu silêncio, um clamor pausado e lento me acordou do sono benfazejo em que a terra, consoladora, me embalava. Religiosamente, o campanário por sua voz de bronze anunciava aos campos e às estrelas que o trabalho findara e nos cumpria volver a face e o peito e o coração para aquela Mãe de infinda piedade, que com o Senhor está, cheia de graça, bendita entre as mulheres,

como é bendito o fruto do seu ventre. Melancolicamente nos mandava que, crentes e fiéis, a implorássemos para que a Deus e aos céus ela rogasse que a fraqueza dos homens perdoassem e em sua luz os redimissem e erguessem.

No extremo do campo, junto ao rio, onde os salgueiros bebem refrigerios nas águas que rebrilham sobre as areias brancas, uma outra voz de bronze repetiu a oração que eu ouvira comovido. Logo após a repete aquela torre do outeiro mais alto entre os irmãos que, levantando a cruz, guarda e protege a gândara prolongada e a choupana, onde unidos não tardam a acolher-se cordeiros e crianças, seus moradores e filhos, por igual amamentados e queridos de uma mesma candura. E mais distante, além dos pinheirais, ainda uma voz igual renova a súplica para os cavadores das margens da laguna que lhes dá às searas seus orvalhos, aos prados a frescura, e à devesa o esplendor viçoso das suas frondes.

Peregrina de Deus, de lar em lar, a prece dessa voz erguia os homens para que orando terminassem o trabalho.

Então, por seu amor e mansidão, voltei ao mundo e aos homens pecadores que no amor da terra eu esquecera, esquecendo também, por minha culpa, suas paixões e dores e os seus tormentos, toda a fraqueza ingênita da sua sorte. Onde o meu coração tinha morrido, maldizendo esse mundo que temera e, fugindo, deixara, renasceu do enlevo para a mágoa, para prender-se àqueles que viviam e com eles sofrer seus suplícios, para comungar na comunhão sagrada da sua compassiva piedade.

Sonho dos astros que alimenta o sonho dos corações que ao sonho se renderam, a servi-lo votando todo o sangue e outra fé não querendo conhecer, vagueia sobre os prados o

lunar, cobre as águas do rio, e na floresta, sorrindo brandamente, confundiu-lhe em vagabunda alvura e infinita a mais ousada haste e a mais pequena, a mais endurecida e a mais tenra. A tortura dos ramos, mutilados pela rajada agreste de dezembro, e a doçura das frondes ainda débeis, incertas da sua forma e robustez, repassadas da pálida verdura em que as sustenta de suave orvalho um tépido abril, por igual as envolve na sua paz. Espargiu sobre a terra a mansidão; renovou-a em candura, resgatando-a de seus espinhos, sombras e asperezas. E a terra, humilde, silenciosa, e muda, e religiosa, como virgem que a Deus se consagrou e de um mundo cruel se despreendeu, adormeceu feliz, santificada no seio da pureza que a protege, por graça do luar isenta e livre de agitados erros que a ferem e mancham, e dos tumultos vãos que a atormentavam, de quanta fealdade a entristecia e de quanta escuridão a desvairava.

Consolador, místico luar, esse que soube e ouviu na sua glória as ternuras ocultas e queixosas, devaneios que a vida atraçou, anseios que o mundo nega se os escuta, saudades, desventuras e lamentos da cegueira contrária dos destinos; o sonho eterno da eterna luz dos céus, que nos sonhos dos homens se engrandece e benignamente lhes responde e compassivo os ama e acrescenta: — esse foi senhor meu e ao seu império, ao seu casto império sujeitei-me, contente, apeteendo-o. Por lhe oferecer a misérrima oferta do meu peito, contei impaciente e inquieto em esperança e penas as horas que corriam e as que tardavam; ou sobre o mar o visse declinar, ou atento aguardasse o seu rubro surgir de além dos montes, jamais o pressenti, jamais o vi, jamais me abençoou ou me deixou sem que estranho pulsar me alvoroçasse, para só ao seu mistério confiar mistérios indizíveis da minha alma, para ali os guardar na candidez de luz que os defendesse da corrupção da terra e seus ultrajes.

Ouvem-se perto os mangoais cantando os pausados cantares do seu mister. Outras eiradas andam a aloirar os milhos sazoados copiosos.

Já vergados os túrgidos vinhedos despertaram delírios das bacantes; e às macieiras cora-lhes os pomos o sol amortecido, enfim liberto de abrasado ardor canicular. Ainda incensam a tarde derradeiros perfumes do jasmim, mas, a dizer-nos que o estio finda, floriu cor de rosa o eloendro. E aquela madressilva que murchara sob a calma do mês de S. Tiago, de novo desprende seus ramos ágeis, de novo nos mostrou a palidez do cálice que verte os seus aromas, rediviva ao respirar primícias da mansidão do outono, generoso de frutos e carícias.

E deleitosamente, avaro e ávido, eu colho o meu quinhão de encantos e de pão e de abundância, como se fosse meu, me pertencesse, vagamente sonhando, em cego orgulho, que era só minha a terra e o seu sustento, e a caridade infinda do Senhor só para meu benefício se gerara, e só para me servir ela existia, só para meu contentamento e meu deleite.

Algures, porém, passou uma voz rebelde, de dor e de queixume e desalento. Uma sombra sinistra me turvou a alegria soberba dessa hora, seu repouso e ventura triunfantes. Meu domínio e riquezas, severamente os julga o desamparo, para o qual nem abril nem novembro têm mudança e por igual são negros. Mensageiros de Deus mo anunciaram no frouxo clamor dessa mendiga que vi descer, curvada, dos montados, trazendo aos ombros o escasso feixe com que, cerrada a noite, irá avivar a amortecida cinza do seu lar.

Cansada, estenuada, face a face com a visão das penas da sua sorte, pousou a lenha à beira do caminho para reaver

alento que a animasse a levar a jornada até final.

E disse alto, erguendo aos céus cruéis o seu lamento:

—*Meu divino Senhor!*
Como é arrastada a vida que me deste!...

Não a escutou a serena mudez inflexível dessa Vontade austera, onipotente, que a consagrara à cruz da desventura para a redimir em tronos de humildade. Mas ouviu-a, hesitante, sucumbida, a atribulada consciência tímida que, enquanto dura a palidez mortal da fome e da miséria, suspeitou em cada gozo uma traição, e repassa do mais amargo sal o pão e o fruto e quanto os lábios tocam, e entretece de espinhos todo o linho e toda a seda que nos cobre.

Porque ali me tocou a sua asa, nessa tarde de outono doce e fértil, me prendeu a indigência e a apeteci — impiamente, talvez, menosprezando o banquete opulento que o Senhor me oferecia e ao qual não vinham, por erro e crime da avareza humana, as maceradas legiões proscritas.

Na frieza alvacenta da manhã, quando, lentos, os montes, ressurgindo da confusão da noite, de novo vinham a esculpirem na luz o seu orgulho, sonhei que as horas do nascer da aurora, essas de redenção, eram contadas em torres de mármore, e, compassadamente, instante a instante, as apontavam, caminhando sempre, os ponteiros dourados de um relógio, fulgentes, repetindo no fulvo cintilar o ardor dos astros. De espaço a espaço, como anunciando um mandado solene inalterável, o bronze da torre modulava, em seu cavo bradar, pausadamente, aquelas mesmas horas tão ligeiras que os ponteiros dourados lhes diziam.

Assim, altivamente ufana, a vaidade do mundo pretendia refletir a glória dos céus e adorá-la, traduzindo-a nos bens da terra que mais caros tinha. Porventura pensou, enlouquecida, igualar em seus falsos tesouros perecíveis a emanção divina da beleza que nas alturas passa e não consente em ser cativa e serva da nossa arte.

Porém, quando acordei, uma doçura estranha baniu essa ilusão que era o meu sonho, e perseguido e vão o dissipou. Quando a ave cantou a despertar o cavador ainda adormecido nas minguadas palhas da choupana, quando a sua ternura, reanimando-os, exaltou da obscura nudez que os oprimia os prados e as selvas, e as águas, e os rochedos, e os orvalhos, foram pobreza estreme e pequenina aqueles sonhos doídos da grandeza fundada em ouro puro e claro mármore; como caíram as torres altas que ela edificou, de todo se calaram humilhados os ecos majestosos do bronze que lhe apregoavam o breve império. Efêmera quimera, afugentou-a o místico poder que na ave encarnou e a fez arauto e missionário sobre-humano.

Cai o palácio, a fortaleza, o templo; desfaz-se em pó e é nada o diamante. Não renascem se o vento os arrastou. Mas a ave, essa de peito em peito volta e revive, a cantar perenemente a madrugada, ou na terra se ostentem monumentos, ou no chão se esboroem as ruínas. Não sei que eternidade a faz eterna onde foi fraca, tênue e transitória a força mais robusta, quanto o homem imagina duradouro. Mistério da candura dominando toda a mortal jactância da soberba, foi a maior grandeza a singeleza e mais pode em nossa alma que o fausto da volúpia, ainda mesmo quando impulsos sagrados transviados ofereceram à glória de Deus e ao amor da luz toda a fortuna que é a paixão e pasto da avareza.

Erradamente, sonhei, louvei e amei o sonho passageiro que me contava as horas da existência no mármore e no ouro. Mas outro sonho, e esse foi constante, e fiel e seguro não

mentiu, esse me desprende do pérfido fulgor que me enlevava, esse me libertou para arrebatá-me àqueles reinos de infinda pureza em que as horas da vida são contadas pelo cantar ingênuo e pela ave.

E então, outras jamais contei, essas somente ouvi, louvei e amei humildemente.

Não tarda a madrugada. E o campanário, e a igreja, e a fortaleza da muralha impassível que resguarda as eiras, as moradas e a devesa, se o ímpeto das águas ameaça, quando em torrente desce das montanhas, geladas, no inverno; e o rio, e os amieiros, e os palácios, e a ponte, sombriamente altiva e orgulhosa: — sonham encantos ao luar cadente que em derradeiro afago ainda os protege no silêncio da sua mansidão. A rocha e a onda, que eram inimigas e porfiados combates combatiam pertinazmente disputando o chão, confundiram-se, adorando o luar; e na mesma doçura adormeceram, dormindo o mesmo sono, desarmadas, ambas humildes, dóceis e sujeitas à magia divina desse bendito alvor que as alumia. E o coração, dorido dos anseios que o agitam, prostrado dos enlevos e das penas que lhe são cada falso e o seu consolo, sustento, pão e cálice e o algoz, a cicuta mortal e a perdição, acalmou-se, como o rochedo e a onda, em seu lutar; à luz piedosa do luar se entrega e em seus sonhos lhe roga e lhe implora que benignamente suavize, e lhe abrande, embalsame e lhe receba esperanças e tormentos, e os voos da ilusão e a loucura de enganos que só querem renascer renovados e crescidos em muitos mais enganos e mais loucos.

Mas vem a despertá-los a manhã. Além, onde as estrelas desmaiaram, o céu pressente a aurora e o seu rubor. E rochedos, e igreja, e amieiros, e muros, e palácios, a criação dos deuses e a dos homens, e o próprio coração que Deus habita, acordam para sofrer uma outra luz, essa do sol

cruel e inclemente na turbação candente de um ardor que por igual é vida e consumpção, gera e destrói.

Que destino adverso as amedronta para fugirem pálidas, vencidas, as sombras carinhosas do luar em que a nossa alma e a terra redimidas cantavam confiadas e felizes, como se estranha fé as afoitasse a dizerem segredos do seu seio, como se a sombra feita de ternura as confessasse e ouvisse cautelosa e lhes rasgasse os véus do seu mistério?!... Por que passaram, assim breves e inquietas, e tão pouco duraram beatitudes da salutar brandura que descerra os mundos só de paz e ventura, onde no êxtase se dissipam mágoas, e a culpa se apagou, e não existem nem mentira ou traição ou a fraqueza?!... Para mais queridas serem e desejadas, foram curtas, aladas como fumo, essas graças celestes do luar que em seus tronos puseram as quimeras, resplendentes, coroadas nas alturas?!...

Embora!... Não fugiram, porém, tão apressadas que eu, preso da saudade, as não seguisse e, seu escravo, não as sirva e ame, fiel, obediente, em seu infindo rasto e eterna glória.

Subi ao cerro agreste onde encontrei a morada da morte. Estava aberta a meus pés a sepultura e cavado na rocha o ataúde.

Em torno Deus espalha a formosura, alvoroço o tumulto da beleza que me engrandece a alma e alegra os olhos: — rosais e sebes repartindo a terra, os campos, os caminhos e os vilares, como se aroma e viço fossem donos, soberanos doadores munificentes e ríspidos juízes dos bens que a terra cria; — os lares encastelados nas encostas, fumegando, estrelas de humildade e caridade recatadas, acesas entre os colmos; — searas e pomares; — as ermidas orando piedosas, a interceder por nós lá nas alturas,

rogando a Cristo e a sua Mãe Santíssima, e aos bem-aventurados que a sonharam e para a sua presença renasceram que a amá-los nos ensinem e nos conduzam, e aos seus pés nos levem e ajoelhem; — as frondes dos carvalhos; — a soberba robusta dos pinhais; — os indômitos píncaros dos montes; — as águas apressadas pelos vales, de rocha em rocha a abrirem a sua estrada e cobrindo de verdura os seus haveres; — e as urzes de montado que preferiram, sem invejarem sorte mais feliz, vestir de encantos a braveza do chão e ungir a aspereza transmutando em sarças floridas a indigência; — e, como bálsamo do poder divino, tal qual fosse uma brisa, emanção que descida dos céus nos acordasse o peito endurecido por mórbidos torpores em que a indiferença seca e corrompe a vida em sua imortal essência, em seu amor; mais alta do que a voz da natureza, dominando-a, vencendo-a e consagrando-a, a voz do coração, dizendo ali murmúrios de carinhos remansosos, ali nos libertando por instantes da dureza do mundo e das suas penas, para erguer-nos aos reinos que o mundo não alcança e somente o coração possui e nos concede.

Mas, aberta a meus pés a sepultura e cavado na rocha o ataúde, a sedução de morte, sem temer quanta beleza ali me extasiava, de súbito acendendo o seu lúgubre facho e iluminando a formosura que era meu enlevo, repete-me aos ouvidos as tentações da sua redenção. E serena, na brancura dos anjos, lançando para longe o véu sinistro e o manto negro em que surgira involta, mansamente me diz, consoladora:

— "A ventura suprema e toda a glória só por mim serão tuas! Em meu seio é cinza quanto avistas, o roble e a rosa, como o poder humano e a sapiência; a fera, o santo, o crime, e vileza e candura; quanto te atraí, fascina e tu procuras, e quanto por aversão foges e temes. Tempos e espaços, o edifício mais alto e o maior feito, o heroísmo, a

dor, a erva e o cedro, o ódio e a paixão, o mármore e o verme, e os sóis mais luminosos que convertem a noite em esplendor, todos em cinza acabam e em cinzas guardo na profundidade infinda do meu seio. E a todos restituo a vida e o ser, para sempre isentando-os do temor, do pecado e da incerteza, a todos eu conduzo à vida eterna, à vida imarcescível da saudade!"



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com